

L 110 25-5 V.

BASES

DA

ORTOGRAFIA PORTUGUESA

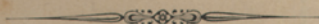
POR

A. R. GONÇALVES VIANNA

G. DE VASCONCELLOS ABREU

Romanista

Orientalista



LISBOA

IMPRESA NACIONAL

1885

Impresso para circular gratuitamente

OFERTA DOS AUTORES

Para respondermos ás perguntas que nos tem sido feitas acerca da ortografia adoptada pelos editores técnicos da «Enciclopédia de ciência, arte e literatura — Bibliotheca de Portugal e Brasil¹» temos a honra de dirijir a V. Ex.^a esta circular, e rogamos-lhe que faça tão conhecidos, quanto em seu poder esteja, os fundamentos em que essa ortografia assenta.

Os princípios que servem de base à reforma ortográfica iniciada por nós ambos e usada ha dois annos pelo segundo signatário desta circular, em escritos particulares e officiaes, e em artigos publicados em alguns papéis periódicos, são resultado de estudo consciencioso e larga discussão dos iniciadores. São princípios deduzidos ou antes expressão dos factos glotoléxicos examinados com rigor; são todos demonstráveis, e de simplicidade tal que os poderá comprehender a sã intelligência, ainda que para ella sejam estranhos os estudos de gloteleja.

Vamos expô-los à apreciação pública desde já, e assim começará a preparar-se a critica de todos os individuos, que, por se prezarem de Portuguezes, não queiram que estrangeiros censurem não haver, para a nossa formosissima lingua, ortografia científica e uniforme a que deva chamar-se *Ortografia Portuguesa*.

O futuro Congresso que temos a peito convocar breve, essa critica será o único juiz a que todos nós os Portuguezes haremos de nos sujeitar para adopção de ortografia portugueza e rejeição absoluta de toda ortografia individual, seja quem for seu autor.

¹ Estão publicados: o 1.^o vol. da Coleção científica «A Literatura e a Religião dos Ários na Índia», por G. de Vasconcellos Albern; e o 1.^o vol. da Coleção literária «Mágoas de Werther», romance traduzido do original alemão, de J. W. von Goethe, por A. R. Gonçalves Vianna.

O custo de cada volume é de 300 réis, brochura, 400 réis, cartonado.

Estes volumes por serem os primeiros, e particularmente «Werther», saíram com erros typographicos que não devem ser levados à conta do sistema de ortografia.

São editores técnicos A. R. Gonçalves Vianna, G. de Vasconcellos Albern (a quem devem ser dirijidos os manuscritos e toda a correspondência), S. Consiglioi Pedrosa, em Lisboa.

São editores-impresores Guillard, Aillaud & C.^a, em Paris.

Todos nós, os que lemos, e mais ainda os que escrevemos para o público, sabemos quão divergentes são as ortografias das várias Redacções e estabelecimentos tipográficos. Teem escritores suas ortografias próprias, como as teem as impressas particulares e as do Estado. E nas do Estado são diferentes as ortografias da Imprensa Nacional e as da Imprensa da Universidade—estes pluzais são a expressão real de um facto, sem censura pessoal.

Com a exposição que vamos fazer dos princípios mais jeraes em que assenta a reforma ortográfica por nós iniciada, temos em vista mostrar, a todo o país capaz de pensar e ler, que o nosso intuito é realizar uma das verdadeiras condições da vida nacional—existência de ortografia uniforme e cientificamente sistemática a que deva chamar-se *Ortografia Portuguesa*.

Sigamos dois bons exemplos a que largos anos dezam ha muito já a sanção: o exemplo da Espanha e o mais antigo da Itália.

V. Ex.^a a quem dirigimos esta nossa exposição, honrar-nos ha dando-lhe a maior publicidade que puder; e por certo se julgará honrado se entender que com essa publicação presta bom serviço à pátria a quem devemos este respeito.

De V. Ex.^a
atentos veneradores

Lisboa, outubro de 1885.

A. R. Gonçalves Vianna.
G. de Vasconcellos Albuquerque.

BASES

DA

ORTOGRAFIA PORTUGUESA

I

PRINCÍPIOS JERAIS DE TODA ORTOGRAFIA

1.º Uma língua é um facto social; não depende do capricho de ninguém alterá-la fundamentalmente.

2.º Como facto social é produto complexo, variável por evolução própria da sociedade cujas relações serve.

3.º A ortografia é o sistema de escrita pelo qual é representada a língua dum povo ou duma nação num certo estado de evolução glotológica.

4.º Esta representação deve ser exacta para todo o povo, para toda a nação e portanto deve respeitar a filiação histórica.

5.º É evidente, pois, que a ortografia não pode ser especial dum modo de falar, quer êste seja dum só indivíduo, quer duma província ou dialecto da língua.

6.º Em virtude disto a ortografia não pode representar a pronunção, que por certo não será una; ha de representar a enunciação, a qual é sempre comum ao povo, à nação que fala uma só língua como seu idioma próprio e exclusivo.

7.º Na ortografia, por consequência, não se pode fazer uso de sinais que indiquem pronúncia de uma qualquer letra vogal, excepto quando essa vogal careça de ser pronunciada com modulação especial para a distinção conveniente do emprêgo sintáctico do vocábulo, ou ainda (e menos vezes em portugûês) para distinguir na grafia única modos diferentes de silabização.

8.º Para se representar a enunciação carece-se de acentuar gráficamente o vocábulo, e a ortografia deve ser tal que, subordinada às leis de acentuação na língua falada, mostre para qualquer vocábulo a sua sílaba tónica a quem desconheça o vocabulo que lê.

Escólio. — É evidente que a acentuação gráfica é inútil na língua escrita cuja constituição glotolójica a determina invariavelmente: tal o latim clássico e as línguas jermánicas.

II

PRINCÍPIOS PARTICULARES DA ORTOGRAFIA DA LÍNGUA PORTUGUESA

O ensino ortográfico da língua portuguesa reduz-se, portanto, na prática, ao ensino de:

- I. Leis da acentuação nos vocábulos simples e nos compostos.
- II. Valor histórico dos fonemas ainda proferidos e dos que já não se proferem; influência destes sobre a modulação da vogal precedente.
- III. Conhecimento dos ditongos e sua dissolução.
- IV. Silabização.
- V. Homónimos e parónimos.
- VI. Função dos sufixos.
- VII. Composição dos vocábulos e formação da perífrase nos verbos, e uso das enclíticas.

Diremos destes assuntos em outros tantos parágrafos, definindo, todavia, primeiro, o que entendemos por ortografia portuguesa.

«ORTOGRAFIA PORTUGUESA» é o sistema de escrita ou grafia representante comum de todos os dialectos do português falado; a sua base é a história da linguagem portuguesa considerada como língua e como dialecto.

Considerada como língua, estuda-se a linguagem portuguesa no ponto de vista de língua fundamental ou língua mãe, de que, por evolução própria, se tem derivado outros modos de falar no tempo e no espaço, depois de assentada a evolução glotolójica realizada em Portugal durante mais de um século já desde D. Dinis, e principalmente durante os reinados de D. Pedro I, D. Fernando I e D. João I.

Considerada como dialecto, estuda-se a linguagem portuguesa como evolução glotolójica neo-latina ou románica.

I.—DA ACENTUAÇÃO

1.º A acentuação marcada é tónica e não prosódica; não determina modulação da letra vogal, determina a sílaba elevada na enunciação do vocábulo.

Esta sílaba é uma só e a mesma sílaba para cada vocábulo na língua portuguesa em todo o país, com excepções esporádicas mais ou menos justificadas. Exemplos: *hótel, hotel; bènção, benção.*

Escólio. — A acentuação gráfica é sempre a de vocábulo que faz excepção à regra jeral.

2.º O sinal gráfico da acentuação tónica é por excelência o acento agudo. Marca, porém, êste acento: — vogal tónica aberta em parónimos: *fôsse, fósse; séco, séco; reis* (pl. de *rei*), *reís* (pl. de *real*); — *i, u* tónicos depois de outra vogal: *país* (cf. *pais*), *reúne, moínho, ruím*; — a vogal *u* tónica depois de *g* em *gúe, gúi* (cf. 4.º): *argúe, argúi*.

3.º Pode ser sinal gráfico da acentuação tónica o acento circunflexo, e o será especialmente nos casos em que no fonema tónico concorra modulação necessária de *ê, ô*, como fica exemplificado em o número precedente, e se vê mais dos seguintes exemplos: *fôrça* (cf. *fórça*), *modêlo* (cf. *modêlo*), *sossêgo* (cf. *sossêgo*), *côres* (cf. *córes*), *côr* (cf. *cór* em *de-cór*), *vêem* (cf. *veem*, do verbo *vir*), *dê* (cf. *de*), *dêsse* (cf. *dêsse*), e ainda nos vocábulos sem parónimos, quando eles sejam esdrúxulos ou oxítonos terminados numa dessas vogais seguida ou não de *s*, tais: *pêssego, português, fôlego, mercê*.

4.º O acento grave é diferencial: indica sempre a pronúncia alfabética própria da letra vogal alterável, isto é, susceptível de ter mais de uma pronúncia (*a, e, o*). Emprega-se na ortografia exclusivamente em tres circunstâncias: — na crase da preposição *a* com o artigo feminino *a*, *a + a* (ambos átonos) = *à*; — na sílaba átona cuja vogal alterável haja de se proferir aberta e átona com a sua pronúncia alfabética, para que se distinga o vocábulo de outro seu parónimo, ex.: *crêdor* (cf. *credor*), *prêgar* (cf. *pregar*); — no *u* de prolação *gúe, gúi* quando se proferir átono (cf. 2.º): *argúir, agúentar, línguística*.

Escólio. — Escrevemos *cue* por *que* (*què*), *cui* por *qui* (*quí*); ex.: *consecuente, consecuência*.

5.º Os vocábulos terminados em *a, o, e, as, os, es*, são jeralmente enunciados com acentuação na penúltima sílaba; logo não teem acentuação gráfica marcada. Cf. 2.º e corolário de 7.º *bis*.

5.º *bis*. Todo vocábulo terminado em *a* ou *as*, *o* ou *os*, *e* ou *es*, proferido com acentuação noutra sílaba que não seja a penúltima, tem a acentuação marcada na escrita. São innúmeros os exemplos; em toda esta exposição doutrinal os terá notado o leitor, pois que saltam à vista, sempre como excepção, as dições cuja grafia é acentuada.

6.º Os vocábulos terminados em outra qualquer vogal (*i, u*), ou em vogal pura seguida de outra consoante que não seja *s*, e os plurais respectivos, são jeralmente proferidos com acento na última sílaba. Logo não teem acento gráfico.

6.º *bis*. Todo vocábulo terminado dêste modo mas cuja acentuação se faz noutra sílaba tem o acento gráfico nessa sílaba. Ex.: *pedi, pe-*

dis; funil, funis; matiç; pénsil, pênseis; cascavel, cascadeis; peru, perus; Hindu, Hindus; Caramuru; tribu, tribus; Púru.

7.º Os vocábulos cuja última sílaba for em vogal nasal, ou em ditongo puro ou nasal, teem jeralmente a enunciação acentuada na sílaba final. Logo não se lhes marca o acento na escrita. Ex.: *marfim; irmã, irmãs; irmão, irmãos; marau, maraus; andai, andais; louwei, louweis; Simões; Magalhães.* Cf. 2.º paj. 7 e 13.

7.º bis. Será, porém, marcada a acentuação dêsses vocábulos quando ela se faça noutra qualquer sílaba. Ex.: *órgão, Estêvão.*

Escólio.—Para os contratos é absolutamente indispensável, como bem o viu o grande Ministro, distinguir os futuros dos pretéritos na 3.ª pessoa do plural, sem emprêgo do acento gráfico, fácil de esquecer ou de ser pôsto depois do contrato escrito e assinado; distinguir-se hão, pois: *jurarão, juraram (jurárão); venderão, venderam (vendêrão); prescindirão, prescindiram (prescindirão);* etc.

Corolário.—Por êste motivo o ditongo *ão*, final átono de verbos, escrever-se ha idénticamente com *am*; e, por analogia, se escreverá a sílaba final dos vocábulos terminados pelo ditongo átono *êe* com a grafia *em*. A acentuação gráfica de tais vocábulos obedece ao princípio 5.º Ex.: *houeram, viajam, ordem, viajem, pôrem, alem* (= *álem*, v. *alar*).

N. B. Pelo princípio 5.º bis devemos escrever e escrevemos: *porém, ninguém, também, além*, etc.; deveríamos, todavia, usar da ortografia: *porêe, ningunêe, tambêe*, etc. Deixámos êste ponto para o Congresso.

É ainda evidente que os plurais dêstes nomes seguem análogamente a regra dada para os plurais dos nomes em *a, o, e*; assim: *ordens, viagens, (órdêes, viájêes).*

8.º Os vocábulos compostos teem na escrita a acentuação dos seus símplices respectivamente marcada em obediência aos princípios que ficam expostos.

II.—DOS FONEMAS E SUA REPRESENTAÇÃO POR LETRAS CONSOANTES

Dois princípios absolutos determinam a exclusão de consoante inútil; e quatro ordens de outros factos decidem a adopção científica de representação de fonemas articulados. São estes factos:

a) valores dialectalmente confundidos: *ch* (= *tch*), *ch* (= *x*), *x*; *s*, *ç*; *s*, *ç*.

b) valores próximos confundidos pela falta de observação da articulação: *s*, *x*; *g(a)*, *g(ue, ui)*; *g(e, i)*, *j*; *c(a, o, u)*, *qu*.

c) valor exclusivamente de influência do fonema articulado sôbre o fonema modulado precedente.

d) valores diferentes de um só símbolo gráfico: *x*, entre vogais.

II a. — EXCLUSÃO DE LETRAS CONSOANTES

1.º São banidos da escrita os símbolos gráficos sem valor de fonema próprio. São eles *th*, *ph*, *ch*, respectivamente por *t*, *f*, *q(u)*, *c(a, o, u)*, *c*; bem assim *y = i*.

1.º bis. Põe manter-se *k = q(u) = c(a, o, u)* nas abreviaturas de *quilómetro = klm.*, etc. Devemos, porém, escrever por extenso: *quilómetro*¹, *quilograma*, etc.

2.º São banidos da escrita os símbolos gráficos sem valor. São eles as consoantes dobradas ou grupos de consoantes não proferidas e sem influência na modulação antecedente, nem necessidade por derivação manifesta de outro vocábulo existente em que haja de proferir-se cada uma das consoantes, como é *Ejipto* de que se deriva *ejípcio*.

Exemplos de símbolos sem valor próprio em português:

th = t. — *thermometro = termómetro*; *ether = éter*; *thio = tio*.

ph = f. — *ethnographia = etnografia*; *philtro = filtro*.

ch = q(u). — *chimica = química*; *machina = máquina*; *chimera = quimera*.

ch = c(a, o). — *chorographia = corografia*; *mechanica = mecânica*.

y = i. — *lyrio = lírio*; *physica = física*.

Consoantes dobradas: — *agglomerar = aglomerar*; *prometter = prometer*; *commum = comum*; *Philippe = Filipe*.

Grupo de consoantes: — *Christo = Cristo*; *Demosthenes = Demóstenes*; *Mattheus* (que já se escreve, sem razão, *Matheus*) = *Mateus*; *schola = escola*; *sciencia = ciência*; *phthisica = tísica*.

Influência da consoante na modulação precedente: — Vejam-se exemplos em *c*), páj. 11.

1.º *Escólio*. — Conservamos *n* dobrado, *m* dobrado, nos vocábulos derivados de outros, cuja inicial é *n* ou *m*, por meio das prepositivas *in*, *em*, toda vez que a prepositiva significa *dentro*; e ainda nalguns poucos vocábulos em que *n* ou *m* influam na vogal *i* ou *e*. A nasal da prepositiva *com* só a conservamos, por êste motivo, em *comosco*. Escrevemos, pois: *immigrar*, *immerjir*, *emmalar*, *ennobrecer*, *innato*, etc.; *comocção*, *comum*, *comutar*, *conexo*, etc.

2.º *Escólio*. — Mantemos as representações gráficas das palatais *ch*, *lh*, *nh*, enquanto não houver símbolo único para cada uma delas.

¹ A ortografia *kilometro* por *chilometro* dá ocasião a traduzir-se «metro-de-burro» e não «mil-metros». Em grego *killos* significa «burro», e *chilioi* significa «mil». Porque razão, pois, havemos de escrever *cirurgia*, *chimera*, *kilo*, quando o *c*, o *ch* e o *k* representam a mesma orijem *ch*, transcrição latina do χ grego?

3.º *Escólio*.—Só ao Congresso compete tratar da exclusão ou conservação da aspirante *h*.

II *b*. — ADOÇÃO DE LETRAS CONSOANTES

a) — 1.º Escrevem-se com *ch* as sílabas que são proferidas com palatal dura, segundo os dialectos, explosiva ou contínua: *chave, chapeu, chuva*; etc. A etimolojia e as línguas conjéneres determinam que sigamos o exemplo dos nossos clássicos e de vários monumentos escritos usando-se da grafia *ch*.

2.º Escrevem-se com *x* (melhor seria *ẋ*) as sílabas cuja inicial palatal é dura contínua: *xacoco, xadrez, xarafim; enxárcia, enxada, enxérga, enxérga, enxertia, enxaimel, enxame, enxúndia; rixa, roixo*; etc. Cf. *d*).

3.º Escrevem-se com *s* as sílabas cuja final é sibilante dura palatal e, esporadicamente, sibilante dura dental: *mas; basta; foste; dêmos, dêmos; bosques; português, portugueses*; etc. A etimolojia, o dialecto transmontano e as línguas conjéneres determinam a grafia *s*.

4.º Escrevem-se com *s* inicial, ou com *ss* entre vogais, as sílabas em que a sibilante dura é ou dental, ou supra-alveolar, conforme os dialectos: *saber, classe, diverso, sessão, conselho, sosségo, sosségo*, etc. Determinação histórica e comparação.

5.º Escrevem-se com *ç*, ou com *c(e, i)*, inicial as sílabas em que a sibilante é dental dura, e só é supra-alveolar nas partes do país onde não ha outra sibilante dura inicial: *peço, ciência, concelho, poço, doçura, preço, çapato, çarça, cárcere*, etc. Determinação histórica e comparação.

6.º Escrevem-se com *s* entre duas vogais (uma final da sílaba a que pertence a sibilante, outra final da sílaba precedente) as sílabas em que a sibilante é branda dental ou, segundo o dialecto, supra-alveolar: *posição, coser* (consuere), *precioso, preso* (prehensum, cf. *prezo*), *preciso, pèso, pèso*, etc. Determinação histórica e comparação.

7.º Escrevem-se com *ç* inicial as sílabas em que a sibilante é dental branda em todo o país, à excepção daqueles pontos em que se não profere sibilante inicial senão supra-alveolar: *açédo, açédo, açebre, razão, cozer, prezo* (cf. *preso*), etc. Determinação histórica e comparação.

8.º Escrevem-se com *ç* final os vocábulos que nos seus derivados são escritos com *c(e, i)* correspondente à sibilante final deles. Assim o determina a etimolojia, evidente na derivação, e a pronúncia dialectal. Exemplos: *infeliç, infelicidade; simpleç, simples, simplicidade; ouriç, ourivezaria*; etc.

Corolário.—Escrevem-se com *ç* infixos os diminutivos e aumenta-

tivos *-zito*, *-zinho*, *-zão*, etc., e os sufixos (derivados do latino *-itia*) *-eza*, *-ez*; bem como os sufixos de verbos, *-izar*, e de nomes, *-ização*.

Escólio.—Os plurais dos nomes diminutivos formam-se do tema do plural do nome fundamental e do plural do sufixo. Dão testemunho os dialectos. Assim, pois, escrevemos: *homemzinho*, *homemzinhos*, não *homensinhos*; *acçãozinha*, *acçõeszinhas*, não *acçõesinhas*; *pãozinho*, *pãesinhos*, não *pãesinhos*; *mãozinha*, *mãoszinhas*; *aneizinhos*; etc.

b)—1.º Adoptámos, pelo que fica dito em *a)* 3.º, a representação gráfica *s* para a sibilante palatal dura final de sílaba, que muitas pessoas julgam ser absolutamente igual a *x* (*š*).

2.º Por falta mais grave na observação se tem confundido as articulações *g(a)*, *g(ue, ui)*, *j(a)*, *j(e, i)*, e ainda *c(a)*, *q(ue, ui)*. Os pontos articulatórios são diferentes. No congresso trataremos estes assuntos. Carecemos de caracteres próprios para distinguir na escrita as articulações *j(a)*, *g(e, i)*, *j(o, u)*, nas palavras *Jacob*, *Jeremias*, *José*, *Jesus*, *Jutlandia*, *Jerusalem*, *geme*, *gemer*, *gentes*, *gymnasio*, *Gil*; etc.; e é certo que não podemos, tão pouco, distinguir *Guilherme*, *guerra*, *garra*, *gume*, causando estranheza invencível a grafia *Geremias*, *Gesus*, e ficando ainda infiel *gemer*, *geral*, e sempre em contradição com uma pronúncia *Gêrusalém* ou *Jerusalém*; tendo nós, pois, de escrever *Jeremias*, *Jesus*, adoptámos o símbolo *j* para os fonemas articulados das sílabas *ja*, *jo*, *ju*, *ge*, *gi*, e por êste sistema gráfico evitamos também regra especial para a conjugação dos verbos em (*-ger*, *gir*) *-jer*, *-jir*.

Escólio.—É evidente (pelo que fica dito em *b)* 2.º) a necessidade ainda existente de mantermos o modo de escrever *gue*, *gui*, nas sílabas terminadas na vogal palatal *i* ou *e*, precedida do fonema gutural brando, mostrando-se pelo acento grave sôbre o *u* da prolação *gùe*, *gùi*, as silabizações *gu-e*, *gu-i*, como fica dito em 4.º de páj. 7.

c) Conservamos todo sinal gráfico de fonema histórico, hoje nulo, cuja influência na vogal precedente é persistente: *acção*, *actor*, *predicção*, *redacção*, *respectivo*, *trajectória*, *baptismo*, *concepção*; e ainda quando é facultativa a pronúnciação, como em *carácter*.

Escólio.—Os fonemas *i*, *u*, não estão sujeitos a esta influência: *edito* = *edicto* (cf. *édito*); *corruto* = *corrupto*; *corrução* = *corrupção*.

d) Conservamos a grafia *x* para representar os diferentes fonemas que de facto representa na língua portuguesa, porque não temos direito, nem Congresso nenhum, de impor pronúncia pela ortografia. O Congresso poderá assentar as bases para o dicionário ortoépico; e no to-

cante a pronúncia nada mais pode fazer — estabelece o padrão, dá a norma — para que se diligencie ler dum modo único o vocábulo escrito.

Ninguém pode contestar o direito de se pronunciar o vocábulo *exemplo* de uma das seguintes maneiras: *içemplo*, *isemplo*, *eiçemplo*, *eisemplo*, *isjemplo*. Ninguém pode contestar o direito de se pronunciar *trouxe*: *trouxe*, *trouce*; *extravagante*: *eistravagante*, *istravagante*, *'stravagante*; *fixo*: *fixo*, *ficso*, *ficço*.

III—DOS DITONGOS

Pelo que fica dito se vê qual a maneira por que indicamos a dissolução do ditongo. Não usamos da *diérese*, também chamada *ápices*, e mais jeralmente *trema* .., que alguns gramáticos entre nós querem que se use na vogal prepositiva ou conjuntiva, e no *u* das prolações, para neste caso mostrar que faz sinérese com a voz seguinte.

O tremas é sinal que nos veiu de países estranhos. Tem na escrita de línguas europeas significação insubstituível; que nas jermánicas é fórma abreviada de um *e*, e nesta significação unicamente o empregamos.

IV—DA SILABIZAÇÃO

Em quanto à sibilização devemos mencionar aqui apenas os tres seguintes princípios:

1.º Dividem-se as sílabas, considerando os vocábulos como portuguezes para êste efeito, sem que se atenda à derivação de língua estranha, nem à derivação dentro da própria língua: *ma-nus-cri-to*, *cons-pí-cu-o*, *obs-tá-cu-lo*, *íns-cre-ver*, *no-ro-es-te*, *nor-des-te*, *pla-nal-to*, *a-lhei-o*, *mai-or*, *mai-o-res*.

2.º Conserva-se à sílaba a consoante que determina a modulação da sua vogal (paj. 11, c): *ac-ção*, *fac-tor*, *cor-rec-to*, *bap-tis-mal*.

3.º Na passagem de uma para outra linha empregamos em ambas as linhas o *traço de união*, tanto o próprio de vocábulos compostos cujos símplices se distingam na escrita entrepondo-se-lhes o *hífen*, como o próprio da ligação das vozes enclíticas às suas subordinantes: *porta-bandeira*, *guarda-fato*, *clara-boia*; *luso-brasileiro*; *deu-m'ó*, *louva-lhe*, *démo--lo*, *louva-o*, *louvá-lo*, *arrepender--se*, *domá-lo-ia*.

V—DOS HOMÓNIMOS E PARÓNIMOS

1.º Os homónimos confundem-se umas vezes na escrita do portugês como na sua pronúncia; exemplos: *cedo* (verbo e advérbio); *conto* (verbo e nome); *são* (verbo e adjectivo). Outras vezes distinguem-se com exactidão na escrita, embora não se distingam em todas as pronúncias; exemplos: *vez*, *vés*; *cem*, *sem*; *coser*, *cozer*; *sessão*, *cessão*;

passo, paço, — parónimos no dialecto em que se faça differença na articulação de *s* para *a* de *ç* e para *a* de *z*. Podem ainda os homónimos distinguir-se na escrita e não se distinguirem em pronúncia nenhuma: *houve, ouve; dê-se, dêsse*.

Escólio. — Distinguem-se na escrita, mas sem exactidão rigorosa: *hora, ora; heis, eis*; e por êrro de analogia falsa, *pelo* cuja orijem é *per-lo*, que deu *pel-lo* e *pe'-lo* homónimo, quando se pronuncie enfáticamente, de *pello*, que etimolójicamente só tem um *l* e devemos escrever (como de facto se escreve nesta ortografia proposta) *pêlo* (cf. *pêlo, pelo*).

2.º Os parónimos são perfeitamente distintos na presente ortografia: *pelo, pêlo, pélo; para, pára; cré, cré; cesto, sexto* (homónimos em Lisboa); *fôsse, fósse; fôrça, fórça; sessão, cessão, secção; coando, quando; quanto, canto; credor, crêdor; incómodo, incomodo; colhér, colhér; contrato, contracto; alias, aliás; alem* (verbo), *além; papeis* (verbo), *pa-péis; reis* (pl. de *rei*), *réis* (pl. de *real*); *bateis* (verbo), *batéis; caia, caía*; etc.

VI—DOS SUFIXOS

Conservamos toda a exactidão na ortografia dêstes elementos morfolójicos cuja função anda tão ignorada. Pululam os galicismos, os estrangeirismos, até na ortografia da nossa linguaagem e na sua morfolojia, que não só em se introduzirem vocábulos novos desnecessários, e em se esquecer a syntaxe dela.

É êrro escrever-se *civilisação* por *civilização*, *organisar* por *organizar*; *chapeleria* por *chapelaria*; *cortez* por *cortês*; etc.

VII—DA COMPOSIÇÃO, DA PERÍFRASE, E DAS ENCLÍTICAS

Dissemos o bastante acêrca do primeiro e terceiro dêstes pontos. Em quanto à perífrase, diremos que as linguaagens perifrásticas dos verbos são diferenciadas em linguaagens de perífrase consciente e perífrase inconsciente.

É linguaagem perifrástica consciente a formada com o presente do verbo *haver*. Escrevemo-la, pois, sem hífen de ligação: *descrevé-lo hei, louvá-la has, dar-lh'o ha, amar-nos hemos, unir-vos heis, receber-se hão*.

É linguaagem perifrástica inconsciente, com tmese evidente, a formada com um resto do pretérito imperfeito do verbo *haver*: *-ia* = (hav)*ia*, *-ias* = (hav)*ias*, *-ia* = (hav)*ia*, *-íamos* = (hav)*íamos*, *-ieis* = (hav)*ieis*, *-iam* = (hav)*iam*. Escrevemos estas linguaagens sem o *h*, perdido com os outros elementos de *hav-*, em todas as pessoas do pretérito imperfeito do verbo *haver*, que entra na perífrase. Exemplos: *descrevé-lo-ia, deixar-me-ias, aborrecê-la-ia, evitá-lo-íamos, comportar-vos-íeis, obedecer-lhe-iam*.



III

O NOSSO INTUITO

Se quiséssemos entrar em minudências de linguagem e defender em todos os pontos a ortografia que iniciámos, teríamos de escrever um livro de grosso volume. Se o nosso intuito fôsse ensinar, publicaríamos um tratado. Mas é diferente o fim dêste escrito, que oferecemos gratuitamente aos nossos conterrâneos, como testemunho de respeito pelas cousas da nossa pátria: *Damos razão da reforma iniciada e sujeitamos ao são critério as bases em que esta assenta.* Por êste motivo deixámos de tratar pontos de que o Congresso terá de se ocupar.

Andam infelizmente esquecidas por alguns escritores regras de gramática, que, a serem lembradas, os não deixariam cometer erros imperdoáveis. Temos visto ortografar (e até pronunciar!!), *passeiando, passeiata, ideiou, receiará, feichava*, etc., em vez de *passeando, passeata, ideou, receará, fechava*, etc. É certo que a maioria dos leitores sabe que, por motivo de a acentuação tónica se fazer nas tres pessoas do singular e terceira do plural de todos os presentes dos verbos, como *idear, recear, passear*, etc., unicamente nessas fórmulas pessoais aparece o ditongo *ei* no radical: *passeio, passeias, passeia, passeamos, passeais, passeiam*; — *passeava, passeavas*, etc.; — *passeei, passeaste*, etc.; — *passearei, passearás*, etc.; — *passearia*, etc.; — *passeia tu, passeie ele, passeemos nós, passeai vós, passeiem eles*; — *que eu passeie, que tu passeies, que ele passeie, que nós passeemos, que vós passeeis, que eles passeiem*; — *passear, passeando, passado*. O radical português é *passee*.

É claro que tratar de assuntos como êste não é objecto de uma símplez circular. E se o leitor houver notado que usámos nela de modos de ortografar para que não encontra explicação nos princípios que ficam estabelecidos, atribua o facto a não caber a explicação sufficiente nos princípios jerais. Cremos que as bases, como ficam postas, constituem método sem contradicções: — se o Congresso fôr até suprimir (como julgamos que deve suprimir) as letras consoantes inúteis nos nomes próprios e nos de família, assinaremos sem dobrar as consoantes *m, ll* dos nossos nomes.

Não nos preocupa uma idea preconcebida. Não nos domina um subjectivismo apaixonado. Desejamos que no país todo se una para discutir de boa fé quem tiver estudado o problema, e que êste se resolva estabelecendo-se ORTOGRAFIA PORTUGUESA.

ALGUNS OUTROS TRABALHOS PUBLICADOS PELOS MESMOS AUTORES

POR A. R. GONÇALVES VIANNA

- Estudos Glottologicos: Graphica e Phonetica. O livro da Escripta do Professor Faulmann.—Porto, 1881.
Essai de Phonétique et de Phonologie de la Langue Portugaise d'après le dialecte de Lisbonne.—Paris, 1883.
Études de Grammaire Portugaise.—Louvain, 1884.
Mágoas de Werther (romance de J.W. von Goethe trasladado a português).—Paris, 1885.

POR G. DE VASCONCELLOS ABREU

- Questions Védiques.—Paris, 1877.
Sobre a Séde originaria da Gente Árica.—Coimbra, 1878.
Investigação sobre o caracter da Civilização Árya-hindu.—Lisboa, 1878.
Importancia capital do sãoskrito como base da Glottologia árica e da Glottologia árica no ensino superior das letras e da historia.—Lisboa, 1878.
Contribuições mythologicas.
Grammatica da lingua sãoskrita: Phonologia.—Lisboa, 1879.
Fragmentos de uma tentativa de Estudo Scolastico da Epopea Portugueza (publicados pelo 3.º Centenário de Camões; a 2.ª parte dêste trabalho foi traduzida em inglês pelo sr. Donald Fergusson, com o título «Buddhist Legends from Fragments. . . . by G. de Vasconcellos Abreu. Translated with additional notes. Ceylon).—1880.—1884.
O Reconhecimento de Chakuntalá (texto devanágrico e tradução portugueza do Acto I do célebre drama de Xacuntalá do poeta Calidaça, segundo a recensão Bengali).—Lisboa, 1878.
Manual para o Estudo do Sãoskrito classico. Tomo I, Resumo Grammatical.—Lisboa, 1881—1882.
De l'Origine probable des Toukhâres et leurs migrations à travers l'Asie.—Louvain. Lisbonne. (Memória acêrca da orijem dos Teucros, apresentada ao Congresso antropológico de Lisboa em 1880).
A literatura e a relijião dos Árias na Índia. Primeira Parte.—Paris, 1885.